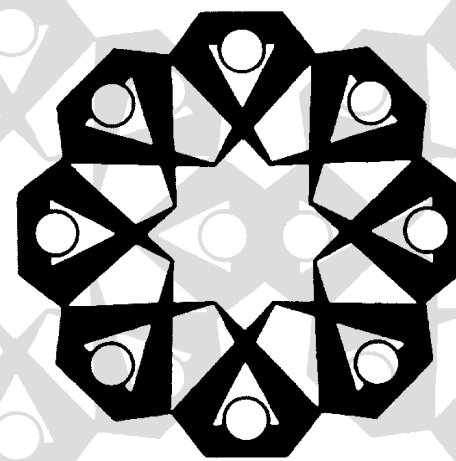


# BALADA DA UNIÃO



PROPRIEDADE: CONVÍVIOS FRATERNOS • DIRECTOR E REDACTOR: P. VALENTE DE MATOS • FOTOCOMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: CORAZE - S. T. RIBA-UL - O. AZEMÉIS • TEL. 256 661460  
PUBLICAÇÃO BIMESTRAL - DEP. LEGAL Nº 6711/93 - Ano XXXII - Nº 302 - MAIO/JUNHO 2010 • ASSINATURA ANUAL: 10 € • TIRAGEM: 8.000 EXS. • PREÇO: 1 €

## APROVAÇÃO DOS ESTATUTOS PELA CEP



## ECOS DA VISITA DO PAPA A PORTUGAL

Depois de vários meses de preparação a todos os níveis, finalmente Portugal viveu intensamente, não só a nível espiritual, como social, político e humano, a visita de Bento XVI, de 11 a 14 de Maio. Foram dias de profundas emoções sobretudo sentidas pelos cristãos e em que Portugal concentrou todos os seus esforços para, com alegria, entusiasmo, delicadeza, honra, dignidade e brilho, não só eclesial como nacionalmente receber o sucessor de Pedro e o Chefe do Estado do Vaticano.

Os seus discursos contêm uma grande profundidade teológica, uma forte orientação pastoral e também reconhecimento a esta fidelíssima nação católica, missionária e sempre fiel ao sucessor de Pedro.

Para que, agora, no rescaldo da visita do Papa, os jovens possam calmamente reflectir e assimilar a riqueza teológica e pastoral dos seus discursos, publicamo-los nesta edição do “Balada da União”.

## DISCURSO DO PAPA NO SANTUÁRIO

Como a família humana pronta a sacrificar os seus laços mais sagrados no altar de mesquinhos egoísmos de nação, raça, ideologia, grupo, indivíduo, veio do Céu a nossa bendita Mãe oferecendo-se para transplantar no coração de quantos se Lhe entregam, o amor de Deus que arde no seu. Então eram só três cujo exemplo de vida irradiou e se multiplicou em grupos sem conta por toda a superfície da terra, nomeadamente à passagem da Virgem PEREGRINA que se votaram à causa da solidariedade fraterna. Possam os sete anos que nos separa do centenário das APARIÇÕES, apressar o anunciado Triunfo do Coração Imaculado de Maria, para glória da Santíssima Virgem.

(Continua na pág. 4 BU)

## HOMILIA DO PAPA NO TERREIRO DO PAÇO

Queridos irmãos e irmãs, jovens amigos. Nos tempos passados a vossa saída em demanda de outros povos não impediu nem destruiu os vínculos com o que éreis e acreditáveis, mas, com sabedoria cristã, pudestes transplantar experiências e particularidades abrindo-vos ao contributo dos outros para serdes vós próprios, em aparente debilidade que é força. Hoje, participando na edificação da Comunidade Europeia, levai o contributo da vossa identidade cultural e religiosa.

(Continua na pág. 2 BU)



## DISCURSO DE ACOLHIMENTO DE BENTO XVI

Queridos irmãos e amigos portugueses, agradeço-vos uma vez mais as calorosas boas vindas. Deus abençoe a quantos aqui se encontram e todos os habitantes desta nobre e dilecta Nação que confio a Nossa Senhora de Fátima, imagem sublime do amor de Deus que a todos abraça como filhos.

(Continua na pág. 2 BU)

## BOAS FÉRIAS!...

Devem ser um tempo propício ao descanso físico mas também um tempo privilegiado para crescermos cultural, religiosa e moralmente, para sermos nós próprios, para fazermos aquilo que gostamos de fazer, para sermos pessoas e filhos de Deus.

(Continua na pág. 2 BU)

## VISITA DO PAPA AO PORTO

A diocese do porto esteve em festa, tendo sido, sem dúvida, uma grande manifestação de fé, de amor e de alegria das gentes nortenhas!...

(Continua na pág. 2 BU)

## ANO SACERDOTAL Por que quis continuar padre?

Este mês de Junho termina o ANO SACERDOTAL, desejado pelo Papa, e que motivou as comunidades cristãs a rezar pelos sacerdotes.

Num encontro de sacerdotes de várias idades, chegou o momento de cada qual, se o desejasse, dar um testemunho de vida. Fala um sacerdote de 85 anos.

(Continua na pág. 3 BU)

## APÓSTOLOS INCAPAZES DE NOS CALARMOS

Sou a Ir. Felismina Pedro, conviva do 540, em Lamego e actualmente missionária em S. Tomé e Príncipe já há anos.

(Continua na pág. 3 BU)

## O MEU AVIVAR DE COMPROMISSO

Os trabalhadores “ ao mesmo tempo que se aplicam responsabilmente a esta execução o seu tempo e forças, gozem, porém, todos de suficiente descanso e tempo livre para atender a vida familiar, cultural, social e religiosa. Tenham mesmo oportunidade de se desenvolver livremente as energias e capacidades que talvez pouco possam exercitar no seu trabalho profissional “ (GS 67)

## BENTO XVI É O AMIGO DOS JOVENS

Para lá dos Esteriótipos e dos clichés, Bento XVI é o amigo dos jovens, quer a comunicação social goste ou não, quer ache quer não. A Igreja sabe disso e os jovens também.

(Continua na pág. 3 BU)

## FÁTIMA, ADEUS:

Bento XVI viveu a primeira Visita, como se fosse a última

BENTO XVI passou em Portugal 4 dias e viveu cada momento da visita, especialmente em Fátima não só como a primeira ao nosso país, mas como se pudesse ser a última.

(Continua na pág. 4 BU)

## HOMILIA DO PAPA BENTO XVI NA PRAÇA DO TERREIRO DO PAÇO DE LISBOA

Queridos Irmãos e Irmãs, Jovens amigos!

«Ide fazer discípulos de todas as nações, [...] ensinai-lhes a cumprir tudo quanto vos mandei. E Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Estas palavras de Cristo ressuscitado revestem-se de um significado particular nesta cidade de Lisboa, donde partiram em grande número gerações e gerações de cristãos – bispos, sacerdotes, consagrados e leigos, homens e mulheres, jovens e menos jovens –, obedecendo ao apelo do Senhor e armados simplesmente com esta certeza que lhes deixou: «Eu estou sempre convosco». Glorioso é o lugar conquistado por Portugal entre as nações pelo serviço prestado à dilatação da fé: nas cinco partes do mundo, há Igrejas locais que tiveram origem na missão portuguesa.

Nos tempos passados, a vossa saída em demanda de outros povos não impediu nem destruiu os vínculos com o que éreis e acreditáveis, mas, com sabedoria cristã, pudestes transplantar experiências e particularidades abrindo-vos ao contributo dos outros para serdes vós próprios, em aparente debilidade que é força.

Hoje, participando na edificação da Comunidade Europeia, levei o contributo da vossa identidade cultural e religiosa. De facto, Jesus Cristo, assim como Se uniu aos discípulos a caminho de Emaús, assim também caminha conosco segundo a sua promessa: «Estou sempre convosco, até ao fim dos tempos».

Apesar de ser diferente da dos Apóstolos, temos também nós uma verdadeira e pessoal experiência da presença do Senhor ressuscitado. A distância dos séculos é superada e o Ressuscitado oferece-Se vivo e operante, por nós, no hoje da Igreja e do mundo. Esta é a nossa grande alegria. No rio vivo da Tradição eclesial, Cristo não está a dois mil anos de distância, mas está realmente presente entre nós e dá-nos a Verdade, dá-nos a luz que nos faz viver e encontrar a estrada para o futuro.

Presente na sua Palavra, na assembleia do Povo de Deus com os seus Pastores e, de modo eminente, no sacramento do seu Corpo e do seu Sangue, Jesus está conosco aqui.

Lisboa amiga, porto e abrigo de tantas esperanças que te confiava quem partia e pretendia quem te visitava, gostava hoje de usar as chaves que me entregas para alicerçar as tuas esperanças humanas na Esperança divina. Na leitura há pouco proclamada da Epístola de São Pedro, ouvimos dizer: «Eu vou pôr em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa. E quem nela acreditar não será confundido». E o Apóstolo explica: «Aproximai-vos do Senhor. Ele é a pedra viva, rejeitada, é certo, pelos homens, mas aos olhos de Deus escolhida e preciosa» (1 Pd 2, 6.4). Irmãos e irmãs, quem acreditar em Jesus não será confundido: é Palavra de Deus, que não Se engana nem pode enganar. Palavra confirmada por uma «multidão que ninguém pode contar e provém de todas as nações, tribos, povos e línguas», e que o autor do Apocalipse viu vestida de «túnicas brancas e com palmas na mão» (Ap 7, 9). Nesta multidão incontável, não estão apenas os Santos Veríssimo, Máxima e Júlia, aqui martirizados na perseguição de Diocleciano, ou São Vicente, diácono e mártir, padroeiro principal do Patriarcado; Santo António e São João de Brito que daqui partiram para semear a boa semente de Deus noutras terras e gentes, ou São

Nuno de Santa Maria que, há pouco mais de um ano, inscrevi no livro dos Santos. Mas é formada pelos «servos do nosso Deus» de todos os tempos e lugares, em cuja frente foi traçado o sinal da cruz com «o sinete de marcar do Deus vivo» (Ap 7, 2): o Espírito Santo. Trata-se do rito inicial cumprido sobre cada um de nós no sacramento do Baptismo, pelo qual a Igreja dá à luz os «santos».

Sabemos que não lhe faltam filhos insubmissos e até rebeldes, mas é nos Santos que a Igreja reconhece os seus traços característicos e, precisamente neles, saboreia a sua alegria mais profunda. Irmanas, a todos, a vontade de encarnar na sua existência o Evangelho, sob o impulso do eterno animador do Povo de Deus que é o Espírito Santo. Fixando os seus Santos, esta Igreja local concluiu justamente que a prioridade pastoral hoje é fazer de cada mulher e homem cristão uma presença irradiante da perspectiva evangélica no meio do mundo, na família, na cultura, na economia, na política. Muitas vezes preocupamo-nos afanosamente com as consequências sociais, culturais e políticas da fé, dando por suposto que a fé existe, o que é cada vez menos realista. Colocou-se

uma confiança talvez excessiva nas estruturas e nos programas eclesiais, na distribuição de poderes e funções; mas que acontece se o sal se tornar insípido?

Para isso é preciso voltar a anunciar com vigor e alegria o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo,

coração do cristianismo, fulcro e sustentáculo da nossa fé, alavanca poderosa das nossas certezas, vento impetuoso que varre qualquer medo e indecisão, qualquer dúvida e cálculo humano. A ressurreição de Cristo assegura-nos que nenhuma força adversa poderá jamais destruir a Igreja. Portanto a nossa fé tem fundamento, mas é preciso que esta fé se torne vida em cada um de nós. Assim há um vasto esforço capilar a fazer para que cada cristão se transforme em testemunha capaz de dar conta a todos e sempre da esperança que o anima (cf. 1 Pd 3, 15): só Cristo pode satisfazer plenamente os anseios profundos de cada coração humano e responder às suas questões mais inquietantes acerca do sofrimento, da injustiça e do mal, sobre a morte e a vida do Além.

Queridos Irmãos e jovens amigos, Cristo está sempre conosco e caminha sempre com a sua Igreja, acompanha-a e guarda-a, como Ele nos disse: «Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Nunca duvideis da sua presença! Procurai sempre o Senhor Jesus, cresci na amizade com Ele, comungai-O. Aprendei a ouvir e a conhecer a sua palavra e também a reconhecê-Lo nos pobres. Vivei a vossa vida com alegria e entusiasmo, certos da sua presença e da sua amizade gratuita, generosa, fiel até à morte de cruz. Testemunhai a alegria desta sua presença forte e suave a todos, a começar pelos da vossa idade. Dizei-lhes que é belo ser amigo de Jesus e que vale a pena segui-Lo. Com o vosso entusiasmo, mostrai que, entre tantos modos de viver que hoje o mundo parece oferecer-nos – todos aparentemente do mesmo nível –, só seguindo Jesus é que se encontra o verdadeiro sentido da vida e, consequentemente, a alegria verdadeira e duradoura.

Buscai diariamente a protecção de Maria, a Mãe do Senhor e espelho de toda a santidade. Ela, a Toda Santa, ajudar-vos-á a ser fiéis discípulos do seu Filho Jesus Cristo.

## DISCURSO DE ACOLHIMENTO OFICIAL DE BENTO XVI

Só agora me foi possível aceder aos amáveis convites do Senhor Presidente e dos meus Irmãos Bispos para visitar esta amada e antiga Nação, que comemora no corrente ano um século da proclamação da República. Ao pisar o seu solo pela primeira vez desde que a Providência divina me chamou à Sé de Pedro, sinto-me honrado e agradecido pela presença deferente e acolhedora de todos vós. Agradeço-lhe, Senhor Presidente, as suas cordiais expressões de boas-vindas, dando voz aos sentimentos e esperanças do bom povo português. Para todos, independentemente da sua fé e religião, vai a minha saudação amiga, com um pensamento particular para quantos não podem vir ao meu encontro. Venho como peregrino de Nossa Senhora de Fátima, investido pelo Alto na missão de confirmar os meus irmãos que avançam na sua peregrinação a caminho do Céu.

Logo aos alvares da nacionalidade, o povo português voltou-se para o Sucessor de Pedro esperando na sua arbitragem para ver reconhecida a própria existência como Nação; mais tarde, um meu Predecessor havia de honrar Portugal, na pessoa do seu Rei, com o título de fidelíssimo (cf. Pio II, Bula Dum tuam, 25/I/1460), por altos e continuados serviços à causa do Evangelho. Que depois, há 93 anos, o Céu se abrisse precisamente sobre Portugal – como uma janela de esperança que Deus abre quando o homem lhe fecha a porta – para reatar, no seio da família humana, os laços da solidariedade fraterna assente no mútuo reconhecimento de um só e mesmo Pai, trata-se de um amoroso desígnio de Deus; não dependeu do Papa nem de qualquer outra autoridade eclesial: «Não foi a Igreja que impôs Fátima – diria o Cardeal Manuel Cerejeira, de veneranda memória –, mas Fátima que se impôs à Igreja».

Veio do Céu a Virgem Maria para nos recordar verdades do Evangelho que são para a humanidade, fria de amor e desesperada de salvação, fonte de es-

perança. Naturalmente esta esperança tem como dimensão primária e radical, não a relação horizontal, mas a vertical e transcendente. A relação com Deus é constitutiva do ser humano: foi criado e ordenado para Deus, procura a verdade na sua estrutura cognitiva, tende ao bem na esfera volitiva, é atraído pela beleza na dimensão estética. A consciência é cristã na medida em que se abre à plenitude da vida e da sabedoria, que temos em Jesus Cristo. A visita, que agora inicio sob o signo da esperança, pretende ser uma proposta de sabedoria e de missão.

De uma visão sábia sobre a vida e sobre o mundo deriva o ordenamento justo da sociedade. Situada na história, a Igreja está aberta a colaborar com quem não marginaliza nem privatiza a essencial consideração do sentido humano da vida. Não se trata de um confronto ético entre um sistema laico e um sistema religioso, mas de uma questão de sentido à qual

se entrega a própria liberdade. O que divide é o valor dado à problemática do sentido e a sua implicação na vida pública. A viragem republicana, operada há cem anos em Portugal, abriu, na distinção entre Igreja e Estado, um espaço novo de liberdade para a Igreja, que as duas Concordatas de 1940 e 2004 formalizariam, em contextos culturais e perspectivas eclesiais bem demarcados por rápida mudança. Os sofrimentos causados pelas mutações foram enfrentados geralmente com coragem. Viver na pluralidade de sistemas de valores e de quadros éticos exige uma viagem ao centro de si mesmo e ao cerne do cristianismo para reforçar a qualidade do testemunho até à santidade, inventar caminhos de missão até à radicalidade do martírio.

Queridos irmãos e amigos portugueses, agradeço-vos uma vez mais as calorosas boas-vindas. Deus abençoe a quantos aqui se encontram e todos os habitantes desta nobre e dilecta Nação, que confio a Nossa Senhora de Fátima, imagem sublime do amor de Deus que a todos abraça como filhos.



## BOAS FÉRIAS

É com estes votos amigos que, quando interrompemos ao fim dum ano o trabalho normal em que nos realizamos para em merecidas férias, descansarmos e recuperarmos as forças, se despedem de nós aqueles que conosco normalmente compartilham a mesma missão.

É uma necessidade física e psicológica esta interrupção dos trabalhos normais a que nos dedicamos durante o ano para destruímos o “stress” e recuperarmos as forças físicas e morais.

Por isso, as férias não são um privilégio ou um favor, mas um bem adquirido e uma necessidade que beneficia não só quem executa um trabalho como quem dele economicamente beneficia.

Devem ser um tempo propício ao descanso físico mas também um tempo privilegiado para crescermos cultural, religiosa e moralmente, para sermos nós próprios, para fazermos aquilo que sempre gostamos de fazer, para sermos pessoas...

Todavia muitos jovens, têm ideia errada do que deve ser este tempo de férias.

Para muitos as férias não passam dum tempo para gozar a vida sem freios, sem leis, sem cos-

tumes, para recuperar o que julgam ter perdido em prazer, em vícios, para se libertarem de seus deveres familiares, religiosos e morais!...

E então, fazem férias em todas as dimensões da sua vida: profissional, moral, religiosa e cultural, etc.

Transformam o mês mais rico do seu ano, em tempo de ociosidade física quando não de destruição física e moral.

Nada mais errado!...

Isso não quer dizer que não façamos nas férias aquilo de que gostamos – desporto, viagens, etc. – e que durante o ano não temos possibilidade de concretizar por falta de tempo.

Mas é necessário que elas sejam um tempo útil para vivermos uma vida sadia e agradável.

Referimo-nos apenas aquele tempo de férias desperdiçado, perdido por tantos jovens que, em vez de nelas crescerem como homens física, cultural e moralmente, tantas vezes nelas destroem tudo aquilo que nestes sectores construíram durante um ano.

A ti, jovem conviva, desejo-te “Boas Férias”.

João Manuel

# Jovens em Alerta



www.conviviosfraternos.com

SUPLEMENTO DO BALADA DA UNIÃO Nº 75 • MAIO/JUNHO/10 • PROPRIEDADE DA COMUNIDADE TERAPÊUTICA • N.I.P.C. 503298689

## HISTÓRIA DA MINHA VIDA

Sou o João António Carvalho Borges, sou natural do Porto, mas resido em Avanca, tenho 18 anos, já tive problemas com a toxicod dependência e vim para aqui pelo tribunal à 4 anos atrás.

Maior parte da minha vida foi vivida com os meus pais até a certa altura, andava na escola EB.2,3 de São Martinho de Recesinhos, onde frequentei até ao meu 4º ano de escolaridade.

Ia de casa para a escola sozinho ou com meu irmão, quando ele ia à escola, porque meus pais não tinham posses para nos levar até porque eram toxicod dependentes.

Fomos obrigados a viver no ambiente de drogas vendo pessoas a injectar-se e a fumarem.

Mas como já estava tão habituado que aquilo já não me dizia nada, andava com meu pai e nada se passava. Achava tudo aquilo uma brincadeira para mim, mas quando vi meu pai e minha mãe sofrendo por não terem o tal produto, aí sim imaginei o sofrimento e os problemas que aquilo causava e dependência também.

Até que tornaram a ter tudo outra vez. O produto para vender! Tendo muito dinheiro e não se importavam com a nossa educação, até que acabei por desistir da escola porque já tinha a ideia de ser como os meus pais.

Já ia fumando uns cigarros. Com 9 anos de idade fumei o meu primeiro charro com que apanhei uma moça que dormi 3 dias seguidos. Daí meus pais desconfiaram que algo não estava bem.

Mas não deram muita importância e continuaram nos seus vícios.

Até que um dia estava eu e um primo meu em casa e meus pais tinham ido buscar mais droga e vi meu primo num sofrimento muito duro, e lhe disse onde meu pai tinha uma reserva e então eu fui com ele, e ele me ofereceu um pouco de droga. Tinha eu 11 anos e aí fumei, apanhei uma moça que nem os olhos conseguia abrir, nem forças tinha para andar. Foi então que meus pais chegaram e olharam para mim e me perguntaram que se estava a passar para eu estar assim. Comecei a inventar desculpas mas nada adiantou dizendo que estava doente. O meu pai foi imediatamente ver a sua reserva e notou o que lá faltava. Deu-me uma grande tarefa mas aquilo não me disse nada.

Já estava a gostar das mocas que estava a sentir, e daquilo que as pessoas faziam porque achava que iria ser o maior.

Com o tempo foi vendo que andava algo de estranho acontecer no meu corpo. Parecia que estava sempre constipado até consumir a tal dose de heroína. Daí começou a minha saga. Tinha 14 anos quando desisti da escola. O meu pai tinha ido para a prisão, e estava com minha mãe e meu irmão.

Daí comecei a roubar, para manter meu vício porque minha mãe já tinha feito um tratamento.

A minha mãe começou a pedir ajuda aos tribunais porque estava a preocupar-se com o meu futuro e do meu irmão, e foi então que eu e ele fomos para um colégio, eu com 15 anos e meu irmão com 10 anos de idade.

Andei lá a frequentar o 5º ano de escolaridade mas pouco me interessava porque queria era borgia e fugia de lá para casa e a minha mãe, mas ela voltava-me a levar, mas já consumia drogas e sentia a tal dita ressaca.

Andava lá e cá até que um dia a GNR (Guarda

Nacional Republicana) me apanhou, me meteu no posto até vir uma técnica de assistente social para falar comigo, porque a vida que estava a levar mais tarde ou mais cedo me iria levar-me para a prisão.

Falámos e decidimos que vinha para Avanca para casa de um padre, e fiquei a pensar.

Entretanto cheguei e falei com ele e decidi ficar para realmente mudar de vida e comportamento.

O Sr. Padre pegou no seu carro e levou-me para a comunidade.

Cheguei lá, eram só pessoas mais velhas mas receberam bem e acolheram-me como uma família. Senti-me bem, fiz amigos de verdade que me ajudaram imenso.

Entretanto fiz os 6 meses de internamento, passei para uma segunda fase de reinserção social em que iria para um trabalho no qual tinha que trabalhar com madeiras, e lá aprendi a ter conhecimento de como se faz um móvel, portas e tudo o que está relacionado com madeiras. Com o tempo comecei a sentir-me sozinho acabando por me ir embora.

Fui para casa mas não consegui manter-me sóbrio de drogas. Acabei por ser chamado a tribunal tinha eu 17 anos.

Decidi estudar mas vim para casa e pensei: se já ando na droga novamente para que vou fazer gastar dinheiro sem valer a pena? Assim, telefonei para o Sr. Padre, ele disse-me para regressar. Entrei novamente, fiz a primeira fase até ao fim, sem nunca ter visitas familiares. Passei para a segunda fase, e fui trabalhar para trabalhos relacionados com madeiras porque já lá tinha estado, pois era o que realmente gostava e me tinha adaptado.

Até que as coisas começaram a fluir e conheci uma rapariga. Estava com receio de novamente voltar a sofrer mas se não arriscasse poderia continuar sozinho.

Assim confiei nela como ela em mim, e isso deu-me força para me segurar na vida sem procurar drogas ou qualquer substância para me alterar, estando assim liberto de drogas e problemas. Entretanto fiz meus 19 anos, foi muito bom porque estive do lado dela, e com ela foi o melhor dia do mundo.

De resto estou um pouco preocupado porque não tenho um trabalho e a crise é muito elevada nesse sentido.

Bom! Maior parte dos meus tempos livres, ocupo-me a falar com minha namorada quando ela assim o pode. De resto ouço música. É o que faço nos tempos livres quando não tenho nada que fazer, embora também goste de escrever coisas e pensamentos, que quero relembrar ao longo do tempo ou até mais tarde.

O que mais gosto de fazer é passear com a minha namorada, comer um gelado e brincar com ela, e muito mais?!...

Gosto também de jogar à bola e todo o tipo de jogos radicais.

João Borges

## CONVÍVIOS RUMO AO FUTURO

NOS DIAS 23, 24 E 25 DE JULHO DE 2010

1129 – Na Casa Paroquial de Valpaços, para jovens da Diocese de Vila Real

NOS DIAS 5, 6 E 7 DE AGOSTO DE 2010

1130 – Na Casa de Eiroal, para jovens da diocese da Zona Pastoral Sul da Diocese do Porto

## SECUNDÁRIA FERREIRA DE CASTRO VISITA COMUNIDADE TERAPÊUTICA CONVÍVIOS FRATERNOS II



No passado dia 10 de Maio, um grupo de alunos da Escola Secundária Ferreira de Castro, Oliveira de Azeméis, visitou a Comunidade Terapêutica Convívios Fraternos II. Os alunos frequentam o Curso de Educação e Formação (CEF) Padaria e Pastelaria. A visita ocorreu no âmbito da Disciplina de Cidadania e Mundo Actual.

Uma grande maioria dos alunos que frequentam este tipo de cursos tem alguns problemas familiares ou comportamentais e daí serem um pouco mais susceptíveis de enveredarem por uma vida de vícios.

A visita principiou com uma apresentação guiada pelas instalações. Os técnicos que acompanhavam os alunos foram respondendo às suas perguntas e dúvidas, de uma forma muito simpática.

Na parte final, talvez a mais importante, reuniram-se os alunos, os residentes em tratamento e os téc-

nicos, numa sala, para iniciarem um diálogo muito interessante e muito proveitoso. Foi interessante e proveitoso porque os alunos conheceram de perto experiências de vida arrepiantes. E a conclusão foi muito simples: experimentar NUNCA. Não há nenhuma recompensa. Também foi proveitoso para a comunidade terapêutica porque alguns dos residentes são pais e ouviram alguns testemunhos emocionados, as mágoas de alunos que têm os pais a consumirem drogas.

Os objectivos da visita foram atingidos na sua totalidade. A escola agradece a disponibilidade e a amabilidade da Comunidade Terapêutica, e também do Pe Valente, em receber os alunos tal como a simpatia das pessoas que os acompanharam.

Carlos Matos

## SOU INSUBSTITUÍVEL

Não é muito simples viver a vida. Às vezes, ela contém capítulos imprevisíveis e inevitáveis. Mas é possível escrever os principais textos das nossas vidas nos momentos mais difíceis da nossa existência.

Quando o homem explorar intensamente o pequeno átomo e o imenso espaço e dizer que domina o mundo, quando conquistar as mais complexas tecnologias e dizer que sabe tudo, então, ele terá tempo para se voltar para dentro de si mesmo. Nesse momento, descobrirá que cometeu um grande erro. Qual? Pouco ou nada se sabe!...

Compreenderá que dominou o mundo de dentro, os imensos territórios da sua alma. Descobrirá que se tornou um gigante na ciência, mas que é uma criança frágil que não sabe navegar nas águas da emoção e que desconhece os segredos que tecem a colcha de retalhos da sua inteligência.

O homem ao aprender amar, derramará lágrimas não de tristeza, mas de alegria.

Chorará não pelas guerras nem pelas injustiças, mas porque compreende que procurou a felicidade em todo o universo e não a encontrou.

Perceberá que Deus a escondeu no único lugar em que ele não pensou procurá-la dentro de si mesmo. Os magnatas tentaram comprar a felicidade. Construíram impérios, fizeram fortunas, compraram jóias, mas a felicidade deixou-os perplexos,

pois ela nunca se deixou comprar e disse-lhes que o sentido da vida se encontra num mercado onde não se usa dinheiro. Por isso, há miseráveis que moram em palácios e ricos que moram em casebres.

Os cientistas tentaram compreender a felicidade, investigaram-na, fizeram estatísticas, mas ela confundiu-os dizendo-lhes, que a lógica numérica nunca compreenderá a lógica da emoção. Perturbados então, descobriram que o mundo da emoção não pode ser decifrado pelo mundo das ideias. Por isso, os cientistas que viveram uma vida exclusivamente lógica e rígida foram infelizes. Os intelectuais buscaram a felicidade nos livros de filosofia, mas não a encontraram. Porquê? Porque há mais mistérios entre a emoção e a razão do que alguma vez sonhou a mente dos filósofos.

Por isso, os pensadores que amaram o mundo das ideias e desprezaram o mundo da emoção, perderam o encanto pela vida.

A vida é belíssima, mas não é muito simples vivê-la. Às vezes, ela parece-se com um jardim, onde de repente, a paisagem muda e apresenta-se árida como um deserto ou ingreme como as montanhas.

Independentemente dos penhascos que temos de escalar, cada ser humano possui uma força incrível. E muitos de nós desconhecemos que a possuímos.

José João Alves

# A CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA APROVOU OS ESTATUTOS DO MOVIMENTO CONVÍVIOS FRATERNOS

## MOVIMENTO DOS CONVÍVIOS FRATERNOS ESTATUTOS

### CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES GERAIS

#### Artigo 1º (Denominação e Natureza)

1. O Movimento dos Convívios Fraternos, doravante designado por "Convívios Fraternos" é, nos termos dos cânones 299 e 322, uma Associação privada de fiéis, jovens e adultos, solteiros e casados, que frequentaram e viveram um "Convívio-Fraterno", de acordo com o Artigo 5º destes Estatutos.
2. "Os Convívios Fraternos" regem-se pelo Código de Direito Canónico, pelos presentes Estatutos, pelas normas gerais das Associações de Fiéis da Conferência Episcopal Portuguesa, e pela legislação civil e canónica aplicáveis.
3. Os "Convívios Fraternos" gozam de personalidade jurídica civil, por escritura de 24 de Abril de 1981, publicados em Diário da República, III Série, nº123 de 29 de Maio de 1981.
4. Os "Convívios Fraternos" estão sujeitos à vigilância da Conferência Episcopal Portuguesa, em conformidade com os cânones 305 e 323.
5. O Movimento não tem fins lucrativos, reduz ao mínimo a posse de bens, devendo encaminhar integralmente o produto dos donativos recebidos, deduzidas as despesas, para as suas finalidades apostólicas.

#### Artigo 2º (Objectivos gerais ou fins)

São objectivos do Movimento:

- 1- Fomentar, de um modo geral, a vida e o testemunho cristãos, bem como o compromisso apostólico, individual, familiar e social de todos os seus membros, de acordo com o Evangelho e as orientações da Igreja Católica.
- 2- Suscitar o desejo e o propósito de viver a mensagem cristã, com as suas exigências, em todas as dimensões da vida, nomeadamente na luta pela justiça, defesa da dignidade pessoal e promoção dos Direitos Humanos, desde que compatíveis com a doutrina da Igreja Católica.
- 3- Motivar todos os seus membros para a vivência e participação na comunidade cristã, com os direitos e deveres que tal condição comporta.
- 4- Desenvolver a vocação apostólica e missionária, de modo a que os seus membros se empenhem na evangelização no meio em que vivem e a aceitar o chamamento de Deus para a vida sacerdotal e para a vida consagrada.
- 5- Ajudar e motivar a inserção apostólica nas paróquias e seus serviços bem como nos movimentos apostólicos de nível diocesano, em grupos já existentes ou em actividades ocasionais de apoio ao Movimento.
- 6- Incentivar a formação de grupos apostólicos onde ainda não existem.
- 7- Empenhar-se na formação cristã dos seus membros, quer através das iniciativas diocesanas e locais, quer de iniciativas próprias.

#### Artigo 3º (Sede)

O Movimento tem a sua sede na Rua Júlio Neves, nº65, 3860-130 Avanca - Estarreja, Portugal.

### CAPÍTULO II OS MEMBROS

#### Artigo 4º (Admissão)

1. Podem ser membros dos "Convívios Fraternos" os jovens e adultos cristãos que, tendo exprimido o desejo de pertencer ao Movimento, nele são admitidos pelos órgãos competentes, segundo as normas em vigor.
2. Só podem ser admitidos as pessoas que tiverem participado num "Convívio Fraterno".

#### Artigo 5º (Convívio-Fraterno e actividades)

1. Um Convívio-Fraterno é um encontro de três dias de rapazes e raparigas com mais de dezasseis anos, ou de casais jovens, em regime de permanência, orientado por uma Equipa Coordenadora e por um Sacerdote, Director Espiritual do convívio.
2. Cada Convívio-Fraterno pretende:
  - 2.1 Levar os participantes, mediante um encontro consigo próprios, com Deus e com os outros, a fazer uma opção pessoal e responsável por Jesus Cristo.
  - 2.2 Despertar e fortalecer o compromisso baptismal dos participantes, avivando neles a sua origem divina e levando-os a centrar a sua vida espiritual na Palavra e na Eucaristia, o que constitui o carisma do movimento.
  - 2.3 Favorecer a descoberta do sentido autêntico do amor.
  - 2.4 Levar à descoberta mais profunda da vocação cristã, como força do ideal e dinamismo da esperança.

2.5 Empenhar os participantes como protagonistas na construção de um mundo melhor que tenha Cristo como centro da história do Homem e do Mundo.

#### Artigo 6º (Saída do Movimento)

1. Qualquer membro pode abandonar o Movimento, devendo comunicar por escrito essa decisão aos Órgãos competentes.
2. No caso em que um membro dos "Convívios Fraternos" venha a ter um comportamento incompatível com os seus fins e exigências, poderá ser convidado pelos órgãos competentes a abandonar o Movimento.

#### Artigo 7º (Deveres)

1. Os membros, cada qual a seu modo, devem empenhar-se nos fins e vida do Movimento, colaborando nas suas paróquias e meios de vida, para que dele beneficiem outros jovens e casais.
2. Devem, também, integrar-se num "núcleo" paroquial ou formado a outro nível, para aí serem estimulados e servirem de estímulo aos seus membros.
3. Não havendo qualquer quota determinada, devem os membros colaborar voluntariamente e segundo as suas possibilidades nas despesas do Movimento.
4. A todos os membros se recomenda, na sequência do convívio, a participação regular nas actividades promovidas, a saber: Semanas de reflexão e formação, Encontros de reflexão e Recreio, Campanhas de evangelização.

#### Artigo 8º (Direitos)

1. Todos os inscritos no Movimento participam, de harmonia com os Estatutos, na constituição dos seus Órgãos e podem participar livremente nas actividades programadas e delas beneficiarem para sua formação e revigoramento espiritual.
2. Todos os membros têm o direito a receber o jornal "Balada da União", órgão oficial do Movimento, e a colaborar na sua publicação, segundo as normas prescritas.

### CAPÍTULO III ORGANIZAÇÃO

#### Artigo 9º (Organização)

1. O Movimento está organizado a nível nacional, diocesano e paroquial.

2. Tem a sua célula base no núcleo paroquial, constituído por jovens ou casais, no mínimo com seis elementos. Através do núcleo prossegue a realização dos objectivos do Movimento.

#### Artigo 10º (Órgãos do Movimento)

São órgãos do Movimento: Conselho Nacional, Secretariado Nacional, Secretariado Diocesano, Equipa de Animação Diocesana, Núcleo Paroquial.

#### § 1 – Conselho Nacional

#### Artigo 11º (Conselho Nacional)

1. O Conselho Nacional é presidido por um sacerdote ou leigo, eleito segundo as normas vigentes. A sua escolha será homologada pela Conferência Episcopal Portuguesa, isto é, pela Comissão Episcopal do Laicado e família.
2. O Fundador do Movimento desempenhará simultaneamente as funções de Presidente do Conselho Nacional e Assistente Nacional do Movimento.
3. O Conselho é constituído por membros do movimento, leigos, presbíteros, diáconos ou consagrados, assim determinados: Presidente, Secretário, Tesoureiro, dois membros de cada secretariado diocesano e o Assistente Nacional, se este não for o Presidente.
4. Os membros do Conselho Nacional são eleitos pelo Plenário dos Secretariados Diocesanos, em assembleia geral para isso convocada.
5. O mandato do Conselho Nacional será de três anos, podendo ser renovado, em todo ou em parte, por um segundo triénio.
6. O Conselho reúne, ordinariamente, duas vezes por ano e, extraordinariamente, quando o Presidente o julgar necessário. Das suas reuniões será lavrada acta em livro próprio e das decisões será dado conhecimento aos Secretariados Diocesanos.
7. O Assistente Nacional será nomeado pela C.E.P. por proposta do Conselho Nacional.

#### Artigo 12º (Competências)

1. O Conselho Nacional tem as seguintes competências:
  - 1.1 Coordenar e apoiar, a nível nacional, as actividades do movimento.
  - 1.2 Zelar para que o espírito e directrizes do Movimento conservem a sua unidade, atendendo às opções concretas de cada diocese.
  - 1.3 Apoiar os Secretariados Diocesanos quando for necessário.

1.4 Organizar anualmente o Convívio-Animação Nacional e outras actividades de âmbito nacional.

1.5 Representar o movimento, através do Presidente ou seu delegado, em todas as instâncias, quando for solicitado ou for julgado o contacto como necessário ou oportuno.

1.6 Alterar os Estatutos.

1.7 Aprovar o Regulamento interno.

1.8 Aprovar eventual extinção do Movimento.

1.9 Aceitar legados, doações ou outras ofertas a favor do Movimento.

1.10 Apreciar e aprovar as contas da administração, apresentadas pelo Tesoureiro.

2. O Presidente preside a todas as reuniões do Conselho Nacional e do Secretariado Permanente e representa o Movimento, quando necessário.

3. O Secretário redige as actas e convocatórias da reuniões e substitui o Presidente no seu impedimento.

4. O Tesoureiro ocupa-se de todos os aspectos administrativos.

§ 2 – Secretariado Permanente

Artigo 13º  
(Secretariado Nacional)

1. O Secretariado Permanente é constituído pelo Presidente do Movimento, Assistente Nacional, Secretário e o Tesoureiro do Conselho Nacional, e ainda quatro elementos eleitos de entre os membros do Conselho Nacional.

2. Reunirá, convocado pelo Presidente do Conselho Nacional, sempre que se julgue necessário dar resposta a problemas urgentes e oportunos do movimento.

3. O seu mandato será de três anos, podendo ser renovado, por um segundo triénio.

Artigo 14º  
(Competências)

Compete ao Secretariado Nacional:

1. Preparar e convocar as reuniões do Conselho Nacional.

2. Dirigir e orientar o jornal "Balada da União", órgão oficial do movimento.

3. Dar resposta, sempre que necessário e urgente, aos números 1.1, 1.2 e 1.3 do nº1 do artigo 12º.

4. Planear, organizar e preparar actividades formativas, culturais, pastorais e religiosas a nível nacional, sob proposta do Conselho Nacional.

5. De todas as reuniões será lavrada uma acta.

§ 3 – Secretariado Diocesano

Artigo 15º  
(Secretariado Diocesano)

1. O Secretariado Diocesano é o órgão animador e coordenador dos núcleos do movimento em cada diocese. Disporá de uma equipa com Presidente, Secretário, Tesoureiro e Assistente Espiritual que realizarão as funções que lhe são próprias.

2. O Secretariado Diocesano é eleito pelo plenário dos núcleos paroquiais e o Assistente Espiritual pelo Ordinário Diocesano.

Artigo 16º  
(Competências)

Compete ao Secretariado diocesano:

1. Promover e orientar a realização de Convívios Fraternos na Diocese.

2. Organizar semestralmente um Convívio-Animação.

3. Incentivar, coordenar e apoiar as iniciativas dos núcleos.

4. Garantir a preparação dos membros das equipas chamados a orientar cada convívio, bem como a assistência espiritual dos convívios que se realizam na Diocese, dando conhecimento da sua realização ao Bispo Diocesano e ao Secretariado Permanente.

§ 4 – Equipa de Animação Diocesana

Artigo 17º  
(Equipa Animação Diocesana)

A Equipa de Animação Diocesana é um órgão diocesano formado pelos membros do Conselho Diocesano e pelos Coordenadores de todos os núcleos paroquiais.

Artigo 18º  
(Competências)

1. Compete à Equipa de Animação Diocesana:

1.1 Coordenar e informar os núcleos paroquiais de todas as actividades do movimento a realizar a nível Diocesano e Nacional.

1.2 Organizar e colaborar em actividades formativas, culturais e apostólicas nas paróquias.

1.3 Preparar e apoiar os Convívios- Fraternos e seus encerramentos a realizar na diocese.

2. A Equipa de Animação terá reuniões bimestrais.

§ 5 – O Núcleo paroquial

Artigo 19º  
(O Núcleo Paroquial)

1. O Núcleo é a célula-base do movimento e prossegue, a nível paroquial, os objectivos enumerados no artigo 2º.

2. Cada Núcleo deverá ao menos reunir-se quinzenalmente.

3. A reunião é um momento de revisão de vida pessoal e apostólica e da vida do grupo, como tal, devendo impulsionar, em cada membro, a sua fidelidade e entusiasmo.

4. Sempre que uma actividade apostólica do núcleo se destine também a não convivas, essa actividade deve ser acordada atempadamente com o Pároco.

5. O funcionamento do Núcleo Paroquial será estabelecido no Regulamento Interno.

Artigo 20º  
(Competências)

1. Compete em especial a cada núcleo:

1.1 Inserir-se na Comunidade Paroquial, como Igreja, e nos grupos existentes e colaborar nas iniciativas apostólicas.

1.2 Organizar ou participar em reuniões de formação humana, moral, espiritual ou de oração.

1.3 Promover a evangelização e a formação integral dos jovens e casais da paróquia.

1.4 Intensificar a vida de piedade e de oração como elementos primordiais da vivência cristã e do aperfeiçoamento progressivo.

2. Todas as tarefas serão realizadas com conhecimento e colaboração do Pároco.

§ 6 – Regulamento Interno

Artigo 21º  
(Natureza)

Um Regulamento Interno, aprovado pelo Conselho Nacional, complementarará os presentes Estatutos, quanto a diversos aspectos de funcionamento do Movimento.

§ 7 – Jornal Oficial do Movimento

Artigo 22º  
(Jornal Oficial)

1. O Movimento publica, bimestralmente, o jornal "Balada da União", que é o seu órgão oficial, distribuído a todos os seus membros.

2. Este jornal pretende fomentar a união, a entre-ajuda e a informação a todos os seus membros. Será distribuído a outras pessoas ou instituições que manifestem interesse em o receber.

3. Como órgão oficial do movimento, "Balada da União" só publicará colaboração que esteja de acordo com a doutrina da Igreja.

CAPÍTULO IV  
ADMINISTRAÇÃO DOS BENS

Artigo 23º  
(Capacidade para gerir bens)

1. O Movimento, como entidade jurídica reconhecida, pode receber legados, doações ou ofertas ocasionais.

2. As receitas habituais do movimento provêm apenas das ofertas voluntárias dos seus membros e de iniciativas levadas a cabo para essa finalidade.

3. Em nenhuma das suas actividades o movimento tem fins lucrativos, e todo o trabalho prestado para realizar os seus fins, é feito em regime de voluntariado.

4. Todos os bens do Movimento destinam-se a custear despesas feitas com as suas actividades. Se houver excedentes, destinam-se a apoiar obras relacionadas com o Movimento, ouvido o parecer do Conselho Nacional.

5. Toda a movimentação administrativa será registada em livro próprio pelo respectivo tesoureiro, nacional ou diocesano.

CAPÍTULO V  
DISPOSIÇÕES FINAIS

Artigo 24º  
(Alteração dos Estatutos)

1. Os presentes Estatutos, tal como os objectivos do Movimento, só poderão ser alterados pelo Conselho Nacional, em reunião convocada "ad-hoc", exigindo-se para o efeito a maioria

qualificada de dois terços dos votos dos presentes, após consulta prévia aos Secretariados Diocesanos.

2. Tais alterações, para a validade, necessitam da confirmação da Conferência Episcopal Portuguesa.

Artigo 25º  
(Extinção do Movimento)

1. O Movimento só poderá ser extinto, em reunião convocada "ad-hoc", exigindo-se para o efeito a maioria qualificada de dois terços (ou outra maioria) dos votos dos presentes, após consulta aos Secretariados Diocesanos.

2. A decisão sobre a extinção só produzirá efeitos jurídicos depois de aprovada pela Conferência Episcopal Portuguesa.

Artigo 26º  
(Aprovação dos Estatutos)

Estes Estatutos foram aprovados pela Conferência Episcopal Portuguesa, a teor do cânon 322 do Código de Direito Canónico, a 01 de Março do ano de 2010.

*Henri Henrique*  
Secretário da CEP

## Diocese do Porto

### VISITA DO PAPA BENTO XVI AO PORTO

Sua Santidade o Papa Bento XVI visitou as terras lusas, já pisadas pelo seu antecessor João Paulo II, muito amado por todos nós.

Entre os dias 11 e 14 de Maio sua santidade visitou-nos em Lisboa, em Fátima e no Porto, onde se reuniu e dialogou com todos e celebrou a Eucaristia, que é o centro da vida cristã.

Quero manifestar a minha alegria por ter tido o privilégio de estar presente na grande celebração que aconteceu nos Aliados (cidade do Porto) no dia 14 de Maio.

A diocese do Porto esteve em festa, tendo sido sem dúvida uma grande manifestação de fé e de alegria do povo português. A visita do Santo Padre deu visibilidade aos cristãos portugueses que andam um pouco envergonhados e receosos. Carecemos todos do sentido da alegria cristã.

Citando a agência Ecclesia, O Papa pediu na sua homilia, na cidade do Porto, que os cristãos não se esqueçam de ser testemunhas, sublinhando que «o cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado no mundo», sem impor, mas propondo, levando a «a razão da esperança» a quem a pede, mesmo a «quem pareça que não». «Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado,

para que todas as situações de definhamento e morte se transformem em ocasiões de crescimento e vida», sublinhou Bento XVI.

Bento XVI realçou que as expectativas do mundo e o Evangelho se cruzam na «irrecusável missão» que compete aos cristãos, sem impor, mas propondo sempre.

«Nada impomos, mas sempre propomos, como Pedro nos recomenda numa das suas cartas: “Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder a quem quer que seja sobre a razão da esperança que há em vós”, acentuou o Papa, citando a Primeira Carta de São Pedro.

“E todos afinal no-la pedem [razão da esperança], mesmo quem pareça que não”, sublinhou.

Mas esta certeza «não dispensa de ir ao encontro dos outros», recordou. (Agência Ecclesia)

Todos somos chamados a ser missionários, onde estamos, no nosso trabalho, na nossa casa, no nosso lazer. Os cristãos são convidados a enfrentar os desafios do século XXI e todas as suas dificuldades, sendo o Sal da terra e a Luz do mundo. Os que acreditam em Deus possuem o tabernáculo da Esperança a serenidade de quem acredita move os corações, para que descubra que Deus é Amor.

António Silva

### SARAU CONVIVA



O movimento dos Convívios Fraternos da Diocese do Porto organizou no dia 29 de Maio, um Sarau Conviva no salão paroquial de Avanca (paróquia da diocese de Aveiro, que também participou e emprestou o seu fantástico salão paroquial). Uma festa que os convivas mais velhos já tinham saudades, e os convivas mais novos já tinham ouvido falar que no século passado se faziam grandes saraus na diocese com os Convivas.

Todos os núcleos foram a participar nesta festa de encontro e de partilha entre Convivas. Os seguintes núcleos apresentaram uma peça teatral e/ou musical de acordo com o seu engenho e arte: Cesar, Mansores, Castelões, S. Martinho, Cortegaça e amigos, UI, S. Tiago, Felgueiras, Escariz, Fornos e apresentações artísticas realizadas por jovens pertencentes a vários

grupos. A Juventude Passionista de Santa Maria da Feira associou-se à festa Conviva com a sua alegria e ritmos musicais.

Tratou-se de uma noite de festa e de animação, em que se partilhou e se promoveu o convívio entre os presentes. Somos Convivas, somos a esperança de uma nova humanidade, também na festa e na alegria. Com esta festa deu-se continuidade ao pedido que se está a promover na diocese, com o objectivo de angariar verbas para as obras na nossa casa de Eírol onde se realizam os Convívios Fraternos. É nesta casa que Jesus se enamora por cada um dos jovens, e os convida a viverem o mandamento do Amor, bem como a serem felizes ao jeito de Jesus de Nazaré.

António Silva

### CARTA DOS JOVENS A BENTO XVI

Santo Padre Bento XVI

Os jovens portugueses amam-Vos!

Reunidos por ocasião da nossa Peregrinação Anual *Fátima Jovem*, ocorrida nos dias 1 e 2 de Maio, saudamos-Vos com profunda amizade e enorme carinho!

Sentimos uma alegria imensa pela visita que nos faz! Quando receber em suas mãos esta Carta, nós estaremos espalhados um pouco por todo o lado onde passar o Santo Padre Bento XVI e, em espírito, Vos daremos um forte abraço!

Aqui, no lugar onde Maria quis falar ao mundo através dos pastorinhos Francisco, Jacinta e Lúcia, rezámos por Sua Santidade! Como a Beata Jacinta Marto, nós também Vos amamos profundamente; rezámos por Vós e fizemos subir ao Céu alguns balões com esta prece: «Maria: olhai pelo Papa Bento XVI». E temos a certeza de que Ela vos acompanha!

Bem-vindo seja, Santo Padre!

*Os jovens portugueses, reunidos em Fátima, 02 de Maio de 2010.*

## FÉRIAS

### SERÁ TEMPO PARA...

Aproxima-se o tempo de férias. Que iremos fazer nesse tempo? Como o iremos aproveitar?

Essa época do ano é para quase todos tempo de partidas, chegadas... de mudanças sensíveis nas suas vidas, porque vamos para outro lugar, deixamos a nossa actividade quotidiana, simplesmente, quebramos a rotina de todos os dias.

Que as nossas férias com a sua variedade, a sua diversidade (de gentes, contextos e lugares), sejam o espaço de um pacífico restabelecimento de nós mesmos ao lugar exacto e ao tempo presente, através de uma vivência saudável, numa liberdade recuperada que pode fazer do fim de cada dia, do fim de cada semana, do fim de cada tarefa, ou mesmo do fim de um ciclo – um tempo e espaço de um certo encontro com Deus.

Quando partimos para outros lugares - mais ainda do que em qualquer outro momento – devemos ter bem presente o carisma do nosso Movimento e sermos, também, por toda a parte «missionários de Cristo».

Que a nossa bagagem contemple o espaço suficiente para algo que alimente a nossa chama e que a reavive, depois de invocarmos o Espírito Santo, para que com Ele possamos encontrar a inspiração divina que transformou a pequena semente lançada no nosso convívio e que a continue a fazer germinar no coração de todos nós. Deixemo-nos cativar por essa inspiração e levar, também nós, essa pequena semente a outros corações ansiosos

por ouvir a mensagem de Salvação de Jesus Cristo que nos faz participantes no amor de Deus. Sejam jovens irreverentes, persistentes e audazes em todas as nossas acções, bem como leais com as nossas convicções.

Tempos mais tempo livre...

Para reencontrarmos o nosso projecto de vida.

Para sabermos o que fizemos dos valores que nos decidiram a seguir Cristo.

Para orarmos as orações que não nos foi possível orar.

Para reatarmos a nossa relação profunda com Deus, num diálogo silencioso, escutando-O do interior de nós mesmos.

Para abriremos os nossos corações, olharmos para dentro dos corações dos outros e com eles partilharmos o tesouro comum.

Para nos tornarmos fortes para aquilo que vem, porque não é na fragilidade que se constroem vidas.

Para cultivarmos a sabedoria.

Para reflectirmos e reencontrarmos aquilo que faz sentido.

Para apaziguarmos a mente... Para reforçarmos a nossa vontade, recuperarmos o ânimo, penetrarmos no canto esquecido onde está guardado o melhor de nós mesmos.

Vamos aproveitar as férias...meus amigos convivas.

Tiago

## ORIENTAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO SARAU 2010, EM FÁTIMA

### I. TEMA, OBJECTIVO E DIOCESE ORGANIZADORA

1.1. – O movimento dos Convívios Fraternos, sendo um movimento de Igreja encontra-se em sintonia com as suas instituições.

1.2 – Desta forma, será de todo o interesse que o tema do sarau esteja afecto ao tema definido para o encontro, “REPARTE COM ALEGRIA”, ao mesmo tempo e sendo este o ano marcado pela visita de Sua Santidade o PAPA BENTO XVI, respondermos ao desafio de estarmos atentos às necessidades das famílias e comunidades mais necessitadas, que mais sofrem com uma nova perspectiva de crise.

1.3 – Assim, nos quatro meses restantes as dioceses terão como desafio do Sarau 2010, para além da preparação das suas peças com originalidade, jovialidade e irreverência que nos é apatário, propomos também a recolha de momentos (fotografia ou vídeo) de evangelização e partilha (ex: missão, sem abrigo, hospital, recolha de sangue, prisão, recolha de alimentos para ser entregue a uma instituição local) na sua diocese com a restante comunidade para serem apresentados a todos os convivas.

1.4 – O Sarau ficará a cargo da Diocese de Bragança-Miranda.

### II. – PARTICIPANTES

2.1. – Os elementos dos grupos participantes no Sarau, deverão ser jovens e casais que tenham realizado um Convívio Fraternal ou que venham a participar brevemente.

### III. – CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO

3.1. – As apresentações serão totalmente subordinadas ao tema.

3.2. – As canções, danças, peças teatrais (que poderão ser humorísticas), terão de ser de temática cristã e subordinadas ao tema “Repartir com alegria”, tema do Encontro Nacional de 2010.

3.3 – O tempo de duração das apresentações não pode ultrapassar, na sua execução, o limite máximo de 5 minutos.

3.5. – Todos os acessórios da apresentação são da responsabilidade dos grupos. Não será permitido o uso de acessórios que pelas suas características ou dimensões impliquem montagem, transporte especializado ou afinações complexas no local ou tenham que permanecer no palco durante a Festa.

### IV. – APRESENTAÇÃO

4.1. – Devem ser enviadas até 27 de Agosto de 2010 as apresentações por e-mail para [convivios-fraternos@gmail.com](mailto:convivios-fraternos@gmail.com).

4.2. – O material sonoro e projector ficarão a cargo da organização.

### V. – NOTAS FINAIS

5.1. – Todas as Dioceses (incluindo as que não participam com uma apresentação no Sarau), deverão enviar até à data estipulada, as fotografias ou vídeos alusivos à actividade de evangelização e partilha realizada pela Diocese.

5.2. – Qualquer pormenor omitido ao presente documento será analisado pela organização, que se pronunciará segundo o que concluir ser melhor para a boa realização do Sarau.

5.3. – No dia 11 de Setembro, pelas 16.00h a Organização reunirá com representantes dos Grupos participantes, no sentido de atribuir a escala da actuação.

ANO SACERDOTAL  
POR QUE QUIS CONTINUAR PADRE?



**Este mês de Junho termina o Ano Sacerdotal, desejado pelo Papa, e que motivou as comunidades cristãs para rezar pelos sacerdotes.**

Num encontro de sacerdotes de várias idades, chegou o momento de cada qual, se o desejasse, dar um testemunho de vida.

O mais idoso de todos, com 85 anos, dos quais 53 de sacerdócio, disse que se sentia muito feliz mas, nos anos a seguir ao Concílio Vaticano II, tinha pensado em abandonar o sacerdócio.

Contudo, conseguiu superar essa crise graças a quatro coisas que sempre o acompanharam na vida e lhe deram força e coragem nos momentos difíceis. E explicou-as.

**Um amor muito grande a Cristo Crucificado.**

Muitas vezes, nos momentos mais difíceis, pegava no crucifixo e contemplava a Jesus crucificado, mas que ressuscitou ao terceiro dia. Também ele não poderia querer chegar à alegria pascal sem passar pelo sofrimento. Sujeitei-me aos momentos de crise, com a esperança de que depois das trevas viria a luz.

**O amor a Nossa Senhora**

Nunca deixou de rezar o terço que tinha aprendido de minha mãe. E percebi que esta oração me comunicava força e coragem nos momentos difíceis. Também nos momentos difíceis senti a sua presença materna.

**Pensar nas pessoas a quem tinha ajudado**

Ao longo de muitos anos, ajudei muitas pessoas a recuperar o sentido da vida. Tinha evitado que alguns se suicidassem. Tinha conseguido a imensa alegria de ver pecadores arrependidos a recuperarem a alegria. Tinha ajudado moribundos a partirem deste mundo com a esperança da ressurreição.

**Pensar na sua mãe.**

Pertenço a uma família pobre de aldeia. Quando entrei no seminário, a minha mãe, para custear os estudos, aprendeu um ofício e assim pude acabar os estudos. A sua maior felicidade foi ver-me sacerdote.

In Cavaleiro da Imaculada

“APÓSTOLAS INCAPAZES DE NOS CALARMOS!”

Sou a Irmã Felismina Pedro, conviva do 540, em Lamego, e actualmente Missionária em S.Tomé e Príncipe, já há uns anos.

Comigo, em S.Tomé estão mais 2 convivas, a Beta, cooperante portuguesa que lecciona Português e a Milé, leiga para o Desenvolvimento e que são da zona de Vila Franca.

Todas trabalhamos na missão de Guadalupe no anúncio da Palavra de Deus, herança que nos foi deixada quando, há mais ou menos anos, partici-

pamos no Convívio Fraternal. São muitas as vezes que revivemos os 3 dias, no 4º, 5º, ... 10º e seguintes dias que nos fizemos apóstolas incapazes de nos calarmos no grito de que Cristo vive como os Apóstolos no Pregão Pascal.

Queria que enviassem o nosso jornal para S. Tomé e Príncipe pois seria com muita alegria e júbilo que todas receberemos o “Balada da União”.

Irmã Felismina Pedro (C.F. 540)

PASTORAL JUVENIL

Nos passados dias 18 e 10 de Junho reuniu em Fátima o Conselho Nacional da Pastoral Juvenil (CNPJ). Esta reunião foi presidida pelo Sr. Bispo D. Ilídio Leandro, contando com a participação do Director e Vice-Director do Departamento Nacional de Pastoral Juvenil da Itália.

Como ordem trabalhos, foi feita uma avaliação ao Fátima Jovem 2010 e abertas propostas para o de 2011, bem como discutidos alguns aspectos do VIII Festival Nacional Jovem e do XII Fórum Eucuménico Jovem, a decorrer em Novembro de 2010 em Viseu. Ainda nos próximos dias 23, 24 e 25 de Junho teremos também em Paredes de Coura (Diocese de Viana do Castelo) o Festival Jota, onde o nosso movimento estará também representado.

A preparação das JMJ 2011 em Madrid tiveram grande destaque neste encontro. Salienta-se o facto de já este ano, Portugal receber a Cruz das JMJ em cada diocese durante o mês de Agosto. É um motivo muito especial para nos unirmos também enquanto convivas nas nossas dioceses e participar nas actividades previstas. A propósito das JMJ, temos já o nosso site em português (www.pt.madrid11.com) onde podem ser encontradas mais informações sobre a preparação das Jornadas.

Usando a reflexão e desafios que nos foram apresentados pelos responsáveis da Pastoral Juvenil Ita-

liana, é importante que cada diocese, movimento, associação ou obra, com os seus carismas próprios e particulares, trabalhem unidos em torno de um mesmo propósito: Levar Jesus Cristo aos outros. Pois “a melhor forma de conhecer Jesus é conviver com os jovens que já O conheceram”.

Hugo Cravo (C.F. 945)



Mozambique

A PENITÊNCIA É O SACRAMENTO DO AMOR DE DEUS

No dia 13 de Junho, realizou-se, na paróquia Santa Ana da Munhuana – Maputo, o terceiro post-convívio para os convivas do 1113. Foi um reencontro onde se reviveu a experiência dos três dias do convívio-fraterno realizado em Dezembro do ano passado. Todos os convivas vinham carregados de ansia e alegria com a expectativa de rever os irmãos na caminhada e para recargar as energias do quarto dia.

Foi um encontro um pouco diferente dos habituais, pois começou com a celebração da Eucaristia, onde o Padre, na sua homilia, falou do grande amor de Deus que se oferece a todos nós e em todos os momentos. Estas palavras marcaram o dia, visto serem as que serviriam de ponto de partida para a reflexão sobre o sacramento da penitência, móbil daquele post-convívio.

Depois da Eucaristia, os convivas reuniram-se numa sala onde ouviram uma palestra sobre o sacramento da penitência. A conviva incumbida de expor o tema falou das vicissitudes que todos os cristãos, em particulares os convivas, enfretam na construção do mundo novo, um mundo onde reina o amor de Deus. Ademais, o mundo apresenta máscaras de felicidade, sendo necessário viver atento à voz de Cristo que chama à verdadeira felicidade. A verdadeira felicidade se constrói com base no sacrifício e para isso Cristo deixou-nos o exemplo, a sua morte na cruz.

A parte mais interessante desta alocução foi quando a conviva falou do sacramento da reconciliação como sacramento do amor de Deus. Pois, Deus, amando-nos tanto, está sempre ao nosso

lado. Quando as vezes nos afastamos dEle pelo pecado, Ele continua a amar-nos sem ter em conta os nossos pecados e fica a espera que nós possamos arrepender-nos e voltarmos a plena comunhão com Ele através do sacerdote que perdoa em nome de Cristo os nossos pecados.

Ao aproximarmo-nos da reconciliação, vamos ao encontro de Deus que nos ama sem medida, como também dos irmãos que querem viver em comunhão connosco e colaboram na construção de um mundo novo.

Terminada a palestra, como o dia já ia adiantado, seguiu-se o almoço partilhado, onde se manifestou, através da partilha, a comunhão entre todos os convivas.

O final da tarde foi preenchido por uma reunião de equipa e posteriormente por um breve plenário. Foi um momento de verdadeira partilha a cerca daquilo que cada um pensava sobre o sacramento da penitência, mas também um momento de fazer uma interrogação profunda sobre o lugar da penitência na vida de cada conviva. O dia terminou com a oração conjunta das vésperas, na qual se agradeceu a Deus por aquele lindo dia e por tudo que Ele tem feito na vida de cada conviva. Terminada a oração da tarde, foi a vez da triste despedida na esperança de cada um reza sempre pelo outro para que as dificuldades do quarto dia não apaguem a chama do encontro com Cristo, consigo mesmo e com os outros!

Chico (C.F. 854)

BENTO XVI É O AMIGO DOS JOVENS

Para lá dos estereótipos e dos clichés, Bento XVI é o amigo dos jovens, quer a comunicação social goste ou não, quer ache quer não. A Igreja sabe disso e os jovens também.

Há pouco menos de um mês, no porto de La Valeta, na ilha de Malta, falou com os jovens de forma profunda e muito próxima. Evocando o exemplo de São Paulo, disse-lhes: «Quando era jovem, São Paulo teve uma experiência que o transformou para sempre». E, de forma sugestiva, referiu: «Cada encontro pessoal com Jesus é uma arrebatadora experiência de amor». Bento XVI está convencido e não se cansa de repetir a todos que «o Cristianismo não é uma moral mas uma Pessoa» (Mensagem na XXV Jornada Mundial da Juventude, 2010), e com uma Pessoa deve cultivar-se uma relação pessoal.

Assim o tema da *amicitia Christi* - que é uma referência clássica na espiritualidade e na patristica e que o Papa conhece tão profundamente - é aquele que mais tem desenvolvido na sua homilética e, muito especialmente, no diálogo pastoral com os jovens, desde a homilia de início do ministério («só na amizade com Cristo se abrem de par em par as portas da vida») até Malta («não tenha medo de ser amigos íntimos de Cristo») e, ainda mais recentemente, a 02 de Maio, em Turim («Jesus quer mesmo ser vosso amigo»).

Para promover essa amizade com Cristo, Bento

XVI tem-se mostrado ele próprio amigo dos jovens. Tem sido o amigo dos jovens ao manter a relação iniciada por João Paulo II nas Jornadas Mundiais da Juventude e tem-no sido a título pessoal no seu ministério pastoral e exemplo. Talvez chegou a hora de deixar, de uma vez por todas, de dizer que João Paulo II ainda é o preferido dos jovens porque Bento XVI é o Papa que Deus concedeu à Igreja há já cinco anos... e os adolescentes que tinham catorze e quinze anos na sua eleição são os jovens de dezoito e dezanove de hoje (e que já não têm uma imagem vívida de João Paulo II...) e os jovens que tinham vinte e vinte e cinco anos entraram definitivamente na idade adulta, ao menos cronologicamente, e até é

saudável que a sua referência ao Papa já não seja apenas pelo prisma dos «jovens». Para os jovens de hoje, ano dois mil e dez, o Papa é Bento XVI e o Papa é o amigo dos jovens.

Está mais do que visto - foi evidente no Fátima Jovem e está a sê-lo nas iniciativas movidas pelas dioceses de Lisboa, Leiria-Fátima e Porto - que Bento XVI atrai os jovens e é seu interlocutor privilegiado, em nome de Cristo e em nome da Igreja. Será que todos os agentes de pastoral estamos convencidos disso? Portanto, em coro, na próxima terça-feira, não podemos dizer outra coisa senão: «Bem-vindo seja, Santo Padre, a Portugal!» e, na sexta-feira, «Até para o ano, em Madrid, se Deus quiser!».

P. Pablo Lima, Director do DNPJ



## HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

## SANTA MISSA NA ESPLANADA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Queridos peregrinos,

«A linhagem do povo de Deus será conhecida [...] como linhagem que o Senhor abençoou» (Is 61, 9). Assim começava a primeira leitura desta Eucaristia, cujas palavras encontram uma realização admirável nesta devota assembleia aos pés de Nossa Senhora de Fátima. Irmãs e irmãos muito amados, também eu vim como peregrino a Fátima, a esta «casa» que Maria escolheu para nos falar nos tempos modernos. Vim a Fátima para rejubilar com a presença de Maria e sua materna protecção. Vim a Fátima, porque hoje converge para aqui a Igreja peregrina, querida pelo seu Filho como instrumento de evangelização e sacramento de salvação. Vim a Fátima para rezar, com Maria e tantos peregrinos, pela nossa humanidade acabrunhada por misérias e sofrimentos. Enfim, com os mesmos sentimentos dos Beatos Francisco e Jacinta e da Serva de Deus Lúcia, vim a Fátima para confiar a Nossa Senhora a confissão íntima de que «amo», de que a Igreja, de que os sacerdotes «amam» Jesus e n'Ele desejam manter fixos os olhos ao terminar este Ano Sacerdotal, e para confiar à protecção materna de Maria os sacerdotes, os consagrados e consagradas, os missionários e todos os obreiros do bem que tornam acolhedora e benfazeja a Casa de Deus.

Sim! O Senhor, a nossa grande esperança, está conosco; no seu amor misericordioso, oferece um futuro ao seu povo: um futuro de comunhão consigo. Tendo experimentado a misericórdia e consolação de Deus que não o abandonara no fatigante caminho do regresso do exílio de Babilónia, o povo de Deus exclama: «Exulto de alegria no Senhor, a minha alma rejubila no meu Deus» (Is 61, 10). Filha excelsa deste povo é a Virgem Mãe de Nazaré, a qual, revestida de graça e docemente surpreendida com a gestação de Deus que se estava operando no seu seio, faz igualmente sua esta alegria e esta esperança no cântico do Magnificat: «O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador». Entretanto não se vê como privilegiada no meio de um povo estéril, antes profetiza-lhe as doces alegrias duma prodigiosa maternidade de Deus, porque «a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem» (Lc 1, 47.50).

Prova disto mesmo é este lugar bendito. Mais sete anos e voltareis aqui para celebrar o centenário da primeira visita feita pela Senhora «vinda do Céu», como Mestre que introduz os pequenos videntes no conhecimento íntimo do Amor Trinitário e os leva a saborear o próprio Deus como o mais belo da existência humana. Uma experiência de graça que os

der salvífico suscitavam nas pessoas de então era tal que uma mulher do meio da multidão – como ouvimos no Evangelho – exclama: «Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito». Contudo Jesus observou: «Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática» (Lc 11, 27. 28). Mas quem tem tempo



para escutar a sua palavra e deixar-se fascinar pelo seu amor? Quem vela, na noite da dúvida e da incerteza, com o coração acordado em oração? Quem espera a aurora do dia novo, tendo acesa a chama da fé? A fé em Deus abre ao homem o horizonte de uma esperança certa que não desilude; indica um sólido fundamento sobre o qual apoiar, sem medo, a própria vida; pede o abandono, cheio de confiança, nas mãos do Amor que sustenta o mundo.

«A linhagem do povo de Deus será conhecida [...] como linhagem que o Senhor abençoou» (Is 61, 9) com uma esperança inabalável e que frutifica num amor que se sacrifica pelos outros, mas não sacrifica os

outros; antes – como ouvimos na segunda leitura – «tudo desculpa, tudo acredita, tudo espera, tudo suporta» (1 Cor 13, 7). Exemplo e estímulo são os Pastorinhos, que fizeram da sua vida uma doação a Deus e uma partilha com os outros por amor de Deus. Nossa Senhora ajudou-os a abrir o coração à universalidade do amor. De modo particular, a beata Jacinta mostrava-se incansável na partilha com os pobres e no sacrifício pela conversão dos pecadores. Só com este amor de fraternidade e partilha construiremos a civilização do Amor e da Paz.

Iludir-se-ia quem pensasse que a missão profética de Fátima esteja concluída. Aqui revive aquele desígnio de Deus que interpela a humanidade desde os seus primórdios: «Onde está Abel, teu irmão? [...] A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim» (Gn 4, 9). O homem pôde despoletar um ciclo de morte e terror, mas não consegue interrompê-lo... Na Sagrada Escritura, é frequente aparecer Deus à procura de justos para salvar a cidade humana e o mesmo faz aqui, em Fátima, quando Nossa Senhora pergunta: «Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele mesmo é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» (Memórias da Irmã Lúcia, I, 162).

Com a família humana pronta a sacrificar os seus laços mais sagrados no altar de mesquinhos egoísmos de nação, raça, ideologia, grupo, indivíduo, veio do Céu a nossa bendita Mãe oferecendo-Se para transplantar no coração de quantos se Lhe entregam o Amor de Deus que arde no seu. Então eram só três, cujo exemplo de vida irradiou e se multiplicou em grupos sem conta por toda a superfície da terra, nomeadamente à passagem da Virgem Peregrina, que se votaram à causa da solidariedade fraterna. Possam os sete anos que nos separam do centenário das Aparições apressar o anunciado triunfo do Coração Imaculado de Maria para glória da Santíssima.

## FÁTIMA, ADEUS: BENTO XVI VIVEU PRIMEIRA VISITA COMO SE FOSSE A ÚLTIMA

Bento XVI passou por Portugal, nos últimos quatro dias, e viveu cada momento da visita, especialmente em Fátima, não só como a primeira ao nosso país, mas como se pudesse ser a última.

Depois de vários discursos e homilias, a imagem de marca da viagem é um momento sem palavras: o Papa em silêncio, olhos fixos na imagem de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições.

A própria indicação de que o centenário das aparições seria celebrada por «vós», evitando a primeira pessoa, confirmou que Joseph Ratzinger sente que um regresso a Portugal poderá não ser possível.

O Papa veio falar sobre o futuro e não sobre o passado, o que ajuda explicar as suas declarações sobre a «missão profética» de Fátima e a continuidade no tempo dos sofrimentos que foram revelados na terceira parte do segredo.

Também em Fátima, no 13 de Maio, referiu-se à «maternidade de Deus», uma novidade no discurso habitual da Igreja, muito masculino e centrado na figura do pai.

Esta foi, talvez, a viagem que melhor define o pontificado de Bento XVI: um homem que surpreende as multidões que o desconhecem, mas que se revela mais intensamente em privado ou em encontros onde a sua presença é vista como a de um professor ou mesmo a de um sábio.

Apesar de ainda se ter ouvido a palavra «flop» pelos corredores por onde corriam os vaticanistas, os números estimados da participação nesta peregrinação aproximam-se da última viagem de João Paulo II a Fátima – há quem pense que os poderão ter ultrapassado –, com um pormenor relevante: a peregrinação de 2000 aconteceu num fim-de-semana, naquela foi a terceira visita do Papa polaco.

Seguindo com atenção o que foi dito pelo actual Papa – não só em Fátima – fica claro o que quer para a Igreja em Portugal: menos devoção «particular», conseqüências práticas na vida social, mais acção perante as dificuldades geradas pela crise e um compromisso público inequívoco dos que se afirmam como católicos.

Esse compromisso deve surgir mesmo em temas fracturantes, como o aborto ou o casamento homossexual – aliás, a única pausa propositada que o Papa fez nos seus discursos foi quando quis vincar que apenas pode conceber o matrimónio como a união entre um homem e uma mulher.

Bento XVI foi muito específico em determinadas referências à situação actual do país – quanto a matérias históricas, políticas e religiosas – mostrando conhecer bem o chão que ia pisar, numa lição bem estudada.

Também em Lisboa e no Porto, o Papa deixou inúmeros desafios à Igreja Católica e à própria sociedade portuguesa, a mesma que carrega um passado «glorioso» mas que hoje se sente vergada perante uma crise que ameaça não só a economia, mas o próprio sentido de esperança da população.

Aos que fazem parte destas Igreja compete sair em «missão», indo ao encontro de um país cada vez mais secularizado, onde as referências religiosas e espirituais estão progressivamente a perder espaço. E onde, segundo as palavras do próprio Papa, já não faz sentido «pressupor» a fé católica.

Octávio Carmo, da Agência Ecclesia

**BALADA DA UNIÃO**

3720 CUCUJAS  
TAXA PAGA

**Propriedade Editorial e Administração:**  
Convívios-Fraternos  
N.I.P.C. 503298689  
Telef.: 234 884474 Fax 234 880904

**Director e Redactor:**  
P. VALENTE DE MATOS

Depósito Legal: 634/82 - Nº de Registo: 108164

Este jornal encontra-se em [www.conviviosfraternos.com](http://www.conviviosfraternos.com)

**CORRESPONDÊNCIA**  
Apartado 12 - 3860-130 AVANCA  
[convivios\\_fraternos@hotmail.com](mailto:convivios_fraternos@hotmail.com) [cf@porto.ucp.pt](mailto:cf@porto.ucp.pt)